

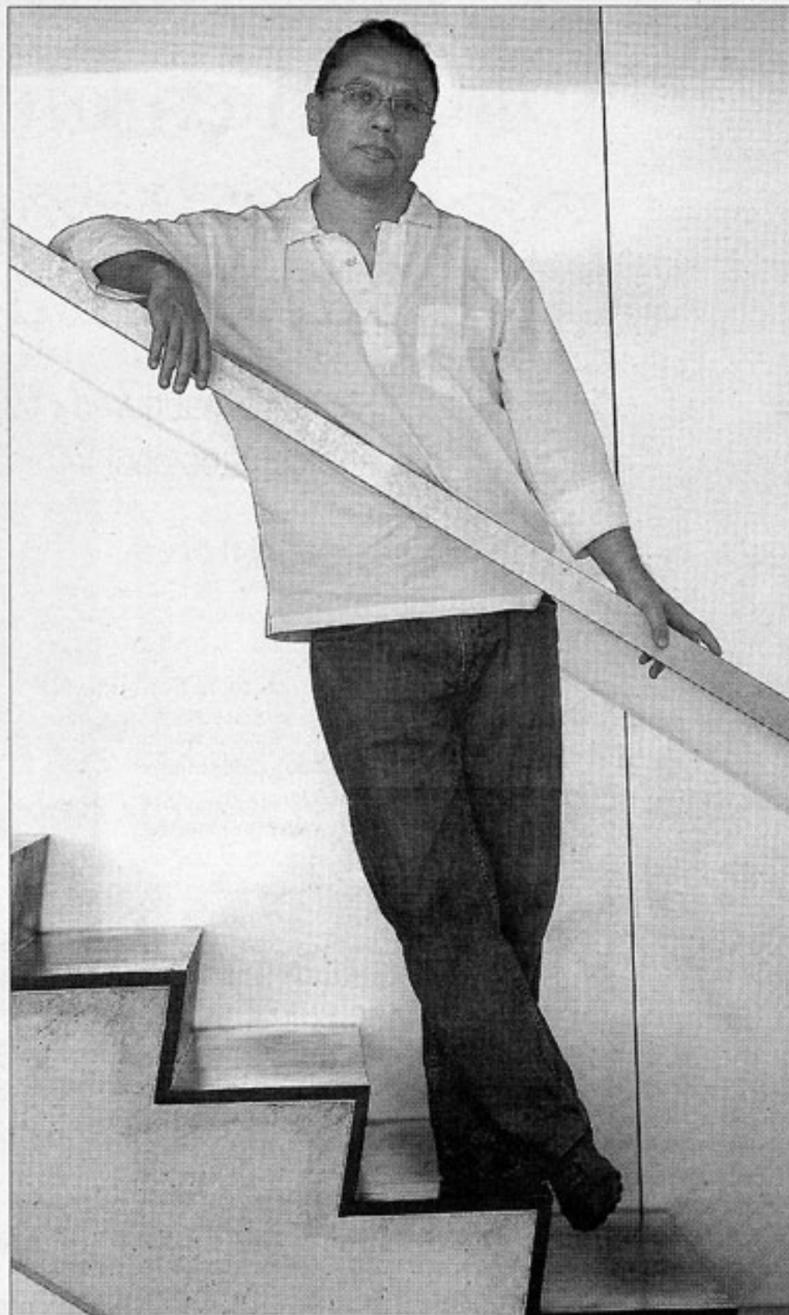
Mário
Laginha
Músico



Entrevista

'A minha geração aprendeu jazz a tocar com discos'

Quando decidi não fazer os exames do ano propedéutico (antecessor do 12º ano) para seguir a vida de músico, não lhe passava pela cabeça que em pouco tempo se tornaria um dos músicos mais importantes do jazz nacional. Após 25 anos de carreira, o talento do pianista e compositor Mário Laginha é reconhecido internacionalmente.



ARTUR MACHADO

Rui Branco

o fim de um quarto de século de carreira, Mário Laginha surge com o 11º álbum como "band leader", "Espaço", um trabalho encomendado pela Trienal de Arquitectura de Lisboa. A música que compôs surpreende pela sua frescura.

Jornal de Notícias / Apesar de ser um dos músicos de top do jazz nacional tem necessidade de vaguear, frequentemente, por outras músicas. Porquê?

Mário Laginha
Em mim isso é a necessidade de fugir de, é algo que vem de dentro. Não gosto só de jazz, não ouvi só jazz durante a minha vida, apesar de ter estudado mais jazz do que outra coisa qualquer e também clássico. Atraem-me as músicas que podem ajudar a alimentar o meu universo musical. Apesar de achar que se correm riscos quando se fazem estas experiências. Isso só acontece quando me apetece.

O jazz em Portugal viveu o seu "boom" nos anos 90. De três ou quatro festivais passamos a ter quase 30, os novos talentos estão sempre a aparecer. Como vê esta realidade?

Acho que começamos a colher os frutos de vivermos numa sociedade mais aberta, mas informada. Antes do 25 Abril, tirando o Festival de Cascais, não havia

Mário Laginha regressa em bom plano à sua condição de "jazzman"

mais nada. Agora há escolas no Porto, em Lisboa, no Barreiro e foi importante também o facto de alguns músicos terem estado a estudar nos Estados Unidos e regressaram com mais "know how". Os da minha geração tiveram para aí duas aulas de jazz. Depois foi comprar discos e tocar com eles...

O seu novo disco, "Espaço", foi uma encomenda da Trienal de Arquitectura de Lisboa. Que relação estabeleceu entre música e arquitectura?

Às vezes gosto de imaginar que paralelo têm as outras artes com a música. Por exemplo, como traduzir em música um quadro de Picasso. Às vezes é complicado por causa da noção de tempo. A música existe em função do tempo. Deram-me liberdade total para relacionar música com arquitectura e para isso há múltiplos caminhos. Imaginei duas hipóteses: uma música (gosto muito de arquitectura moderna e de espaços bastante vazios) que exponen-

“
Constatai que os termos que se utilizam na arquitectura são praticamente os mesmos que usamos na música”

"Espaço" de criatividade



■ "Espaço" é o regresso de Mário Laginha como "jazzman". O trabalho é admirável sob diversos pontos de vista, destacando-se a frescura que transportam os oito originais do pianista. Com Bernardo Moreira (contrabaixo) e Alexandre Frazão (bateria), o trio traz-nos um objecto que é certamente o mais forte candidato a disco de jazz nacional do ano. Um tipo de formação destas proporciona plano de destaque ao pianista em termos de improvisações e Laginha aproveita-o da melhor forma. A obra é inspirada em arquitectura por ter sido uma encomenda da Trienal de Arquitectura de Lisboa. Nunca termos como "linhas contínuas", "plano", "estrutura" ou "forma" pareceram tão musicais. □

ciasse aquilo que se sente nesses sítios, portanto, seria uma música muito vazia, mas depois achei que essa música teria de se relacionar com um espaço e não fui por aí. Percebi, então, que os termos que se utilizam em arquitectura são os mesmos da música. Fala-se em "linhas contínuas", "ruído", "silêncio", "espaço", "ausência de espaço", "plano", "forma", "estrutura". Comecei a pensar: se pensar neste termo em música, "estrutura regular", o que é que faço? E fiz um tema chamado "Paredes que nos rodeiam". Assim foram nascendo os temas de "Espaço".

O tipo de formação de "Espaço", ou seja, piano, contrabaixo e bateria, é a melhor para o pianista?

Para um pianista como eu, acho que é uma das melhores. Mas gosto de experimentar e de variar. Há uns anos fiz um concerto, que adorei, com saxofone e percussão, que aliás tenho gravado. Gostaria de repeti-lo um dia. □

NOMEAÇÃO

Orlando Farinha na Direcção das Artes

Orlando Farinha vai dirigir a Direcção-Geral das Artes, o organismo que substitui o Instituto das Artes (IA), segundo um despacho publicado ontem em Diário da República. No âmbito da nova lei orgânica do Ministério da Cultura, o IA deu lugar à nova Direcção-Geral das Artes, que será dirigida pelo até aqui subdirector do IA. Licenciado em Filosofia, Orlando Farinha, 50 anos, foi consultor na Expo'98 e director do departamento de música do Instituto Português de Artes do Espectáculo entre 2001 e 2002.

"TRANSE"

Teresa Villaverde distinguida na Sérvia

O filme "Transe", de Teresa Villaverde, foi distinguido na primeira edição do Festival de Cinema da Sérvia, que terminou no passado domingo, com o Grande Prémio Eurimages. O mais recente filme de Teresa Villaverde competia com outros 15 filmes de realizadores como Carlos Saura, Raoul Ruiz, György Pálfi ou Miguelanxo Prado.

AO VIVO

Fábrica de Sonhos actua no B Flat

A banda Fábrica de Sonhos apresenta-se amanhã no B Flat, em Matosinhos, a partir das 23.30 horas. Trata-se de um projecto de jazz/rock, que faz recordar outras bandas do passado como, por exemplo, os Soft Machine ou os Solution.

EDIÇÃO

PJ Harvey lança disco em Setembro

A cantora PJ Harvey lançará o seu primeiro álbum de estúdio em três anos, "White Chalk", que deve chegar às lojas a 24 de Setembro. O novo material foi escrito primeiro para piano, e não guitarra, ao contrário do que era habitual, de acordo com o site de PJ Harvey no MySpace.com (www.myspace.com/pjharvey). O último álbum de PJ Harvey foi "Uh Huh Her", editado em 2004.